

3. Categorias, Tipologias e Organização do Artesanato

Design é uma atividade criativa que tem como objetivo estabelecer as qualidades multifacetadas de objetos, processos, serviços em todo o seu sistema no ciclo de vida. Assim, design é responsável pela humanização e inovação das tecnologias e a ponte entre a cultura e a economia.

ICSID 2004



Figura 38 – O Cesteiro, desenho a bico de pena de Percy Lau (IBGE, 1970).

Vimos no capítulo anterior a trajetória das relações entre designers e artesãos; neste capítulo, conheceremos as categorias, tipologias e a organização do trabalho artesanal.

Definiremos categoria como uma concepção genérica de um conjunto de atividades artesanais, que abrange características comuns, porém, também apresenta diferenciações que irão determinar as suas distinções.

Os programas e projetos de fomento para o artesanato, propostos por instituições públicas e privadas, tais como; Programa Sebrae de Artesanato e Programa Artesanato Solidário, utilizam para melhor situarem suas ações, diferenciações e conceituações entre os diversos termos que permeiam o segmento artesanal.

Essas definições procuram formar a base conceitual, a partir da qual as instituições de fomento, e os agentes que atuam neste segmento, poderão operacionalizar seus estudos e ações.

3.1. As Categorias do Artesanato

Utilizaremos nesse estudo as conceituações propostas pelo Termo de Referência do Artesanato, formulado em março de 2004 pelo Sebrae Nacional.

Cabe ressaltar, que o referido Termo de Referência do Artesanato é fundamento das oficinas de capacitação em design para artesanato, promovidas pelo Sebrae. Esse Termo foi elaborado com base nos relatórios dos encontros regionais do Programa Sebrae de Artesanato, após cinco anos de sua implantação (1999 - 2003).

O Programa Sebrae de Artesanato está implantado nas 27 Unidades Federativas do país. As ações configuraram a presença do Sebrae em 16,6 % dos municípios brasileiros, e envolveram até o ano de 2004, cerca de 90.000 artesãos, em suas oficinas de capacitação em artesanato.



Figura 39 – N. Sra da Piedade, artesanato em papel. Rio de Janeiro (Sebrae, 2005).

Apontamos também a atuação de outra organização de fomento à atividade artesanal; O Programa Artesanato Solidário, que desde a sua criação, em 1998 até o ano de 2002 já envolveu 3.000 artesãos em 68 municípios de 15 estados da Federação.

Esclarecemos que a escolha das conceituações do Termo de Referência do Artesanato do Sebrae deve-se ao fato de que o Termo apresenta definições e conceituações de categorias, tipologias e organizações de artesanato que são utilizadas também por outras instituições de fomento.

Ressaltamos, porém, que apesar da grande abrangência do Programa Sebrae de Artesanato, conforme apontado anteriormente, durante cinco anos, como é citado na apresentação do Termo, o programa carecia de diretrizes, metodologias únicas de intervenção e critérios de avaliação de resultados. Também é necessário esclarecer que cada Estado empreendia uma intervenção própria, sem compartilhamento com os outros Estados da Federação.

A falta de uma definição conceitual do Programa Sebrae de Artesanato criou um ambiente de entendimentos diversos, marcados por divergências e antagonismos nas ações (Sebrae, 2004, p.20).

Concluimos, portanto, que as ações do Programa Sebrae de Artesanato, apesar de sua amplitude, foram desenvolvidas durante esse período sem unidade e a partir de conceitos, critérios e abordagens diferentes a cada região. E, que essa situação, em que cada estado utilizou parâmetros próprios de abordagens, não compartilhados com os demais, tornou impossível analisar de maneira conjunta e coerente, os sucessos e problemas das oficinas empreendidas em cada região.

No entanto, como foi colocada anteriormente, a opção em adotar as conceituações do Termo de Referência do Programa Sebrae de Artesanato, deve-se ao fato de que além da dimensão atingida do programa, também porque o Termo de Referência é uma planificação inicial do segmento



Figura 40 – Garrafas de areia, Ceará (Sebrae, 2005).



Figura 41 – Bonecas em palha de milho, Paraná (Sebrae, 2005).

artesanal, que demonstra as particularidades das categorias, tipologias, atores, organização hierárquica e funcional do artesanato.

Essa escolha também foi feita porque na apresentação do Termo de Referência, é apresentado o resultado da Pesquisa de Avaliação da Satisfação e do Desempenho do Cliente Sebrae, que a Fubra – Fundação Universitária de Brasília realizou em 2002. Nessa pesquisa, apesar de não ser apresentada a metodologia empregada na coleta e análise de dados, 98% dos entrevistados confirmaram a contribuição positiva do Programa Sebrae de Artesanato para o estímulo ao empreendedorismo, geração de emprego e renda nas comunidades consultadas. Esse alto grau de aprovação comprovou a satisfação dos clientes daquela instituição, a despeito dos problemas apresentados anteriormente.

3.1.1. Artesanato

A partir do conceito proposto pelo Conselho Mundial de Artesanato, na cidade de Bogotá, na Colômbia, em 1996 poderemos conceituar artesanato (Figuras 39 a 44) através da seguinte definição:

Artesanato é toda atividade produtiva que resulte em objetos e artefatos acabados confeccionados manualmente ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, com habilidade, destreza, qualidade e criatividade (Sebrae, 2004, p.21).

No entanto, podemos afirmar que a complexidade do termo já se apresenta no próprio vocábulo, artesanato, singular e também plural, quando tomamos como referência Antônio Houaiss. O escritor em seu, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (Houaiss, 2004) apresenta as variadas possibilidades do termo:

Artesanato. 1.a arte e a técnica do trabalho manual não industrializado, realizado por artesão, e que escapa à produção em série; tem finalidade a um tempo utilitária e artística. 2.conjunto das peças da produção artesanal. 3.



Figura 42 – Ex-votos em madeira, Alagoas (Sebrae, 2005).

conjunto dos artesãos de um determinado gênero. 4.local onde se exerce ou ensina o artesanato. 5.produto final do trabalho feito pelo artesão (Houaiss, 2004, p.307).

Devemos lembrar que as definições das categorias artesanais são fronteiras maleáveis, que em certos casos fogem às definições preestabelecidas.

Como exemplo de situação que não se enquadra em conceituações rígidas, podemos citar o chamado artesanato “rural” e o artesanato “urbano”. O primeiro, na maioria das vezes se encaixa na definição de que o artesanato é fruto da transformação de matéria-prima e técnicas locais.

Já o segundo, o artesanato urbano, dificilmente será enquadrado nesta definição, pois, na grande maioria das vezes, o produto do artesanato “urbano” é resultado do trabalho com matéria-prima e técnicas, que não são da localidade onde estão sendo confeccionados. Isso porque, é rara a existência de matéria-prima natural para o artesanato, no meio urbano.

Geralmente, quando estamos nos referindo ao artesanato urbano, estaremos falando do artesanato que provêm de matéria-prima processada (vidro, metais, tecidos), ou matéria-prima reciclável (couro, madeira, papel).

Então, para melhor compreender o artesanato, seus atores e suas finalidades escolhemos as definições básicas, contidas no Termo de Referência do Programa Sebrae de Artesanato, as quais determinam as categorias dos produtos artesanais de acordo com sua origem, uso e destino.

Para localizar as definições do artesanato que, em muitos casos parecem contraditórias, descreveremos a seguir os diversos perfis em que a atividade se configura, e os vários cenários em que se apresenta o que impossibilita uma conceituação única e precisa para a atividade.

O artesanato é predominantemente um trabalho individual, porém a produção de alguns artefatos exige a participação de vários artesãos durante a sua produção, desde a coleta da matéria-prima, até a divulgação e comercialização do produto.



Figura 43 – Bumba-meu-boi, Pernambuco (Sebrae, 2005).

O artesanato revela uma destreza e uma habilidade baseadas, na criação e originalidade, fruto do repasse de técnicas através de gerações, mas nem sempre, porque pode também ser uma técnica apreendida em oficinas e cursos, ou ainda uma técnica criada pelo próprio artesão, por isso não proveniente de repasse de saberes.

O artesanato produz objetos com identidade e valor cultural, que identificam a região e o artesão que os produziu, porém, pode também não apresentar valor cultural local ou regional. Mas, certamente, representam outros valores dos artesãos que os produziu; como suas próprias visões de mundo.

No entanto, podemos apontar certos conceitos que são características próprias comuns a todas as categorias artesanais e, como tais, diferenciam o artesanato de outras atividades.

Portanto, podemos distinguir o artesanato como uma atividade que apresenta uma produção em pequenas séries, com regularidade, gerando produtos semelhantes, porém diferenciados entre si, ao contrário dos produtos industriais.

E mais, que os produtos artesanais além de expressar os valores de seus produtores, são fruto da necessidade de auto-suficiência dos artesãos e, conseqüentemente, têm e buscam o compromisso com o mercado.

Dentro de uma visão de economia de mercado, a vantagem competitiva que podemos destacar no produto artesanal, que vem a ser uma característica valorizada atualmente no mercado, é a originalidade e a representatividade cultural que o artesanato traduz e que diferentemente dos produtos industriais, o transforma em um artefato único,

Finalmente, ao buscar uma síntese das definições básicas citadas acima, acrescidas da pesquisa realizada pelo MDIC – Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, em 2002, é possível definir que o artesanato se caracteriza por:

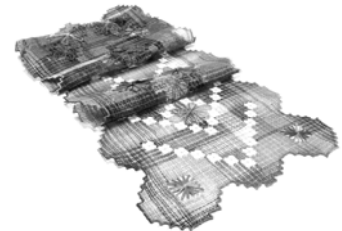


Figura 44 – Renda de bilro, Ceará (Sebrae, 2005)

- Atividade em que, no mínimo, 80% do trabalho é feito pelo artesão;
- Transformar a matéria-prima bruta em produto acabado;
- Utilizar matéria-prima e/ou técnicas de produção local;
- Possuir identificação cultural com a região e/ou com o artesão;
- Atividade fruto da habilidade e/ou repasse de técnicas através de gerações.

3.1.2. Arte Popular

Baseado no texto de Emanuel Araújo, curador do módulo Arte Popular na mostra “Brasil + 500”, publicado pela Fundação Bienal de São Paulo em 2000, a autora Joana Canêdo, em seu artigo *Arte pelas mãos do povo* (Canêdo, 2000), apresenta os objetivos e limites colocados pelo curador na definição do módulo, onde ele apresenta os aspectos imprecisos das definições da Arte Popular (Figuras 45 e 46).

O grande desafio do módulo Arte Popular foi procurar esquecer o adjetivo que acompanha Arte, para não cair em conotações como a de arte menor, marca de atraso de nossa cultura, ou excessivamente louvadora, como a de arte autêntica, do Brasil de verdade. Pela própria maneira de ser expressa, a “arte popular” parece ter menos legitimidade do que “arte”, sem adjetivos, leia-se “arte erudita”, “arte culta”, “alta-cultura”. A exposição abarcou obras anônimas, coletivas e assinadas de artistas de todo o país, reconhecidos em suas comunidades e fora delas. O curador procurou marcar os limites da exposição ao afirmar que ela se refere a algumas mostras que buscaram representar registros norteadores para uma conceituação paradigmática que busca estabelecer os avanços e os recuos no constante refazer-se do universo popular. O objeto da arte popular é identificado como aquele em cuja concepção havia um puro sentido estético do seu criador, não lhe sendo atribuída qualquer função utilitária, ou cujo significado escapa ao mundo cotidiano (Canêdo, 2000, p.18).



Figura 45 – Máscaras de carnaval. Mostra Brasil + 500 (Canêdo, 2000).



Figura 46 – Colcha em tecido. Mostra Brasil + 500 (Canêdo, 2000).

Procuramos então, para melhor localizar e distinguir a arte popular frente ao artesanato, definir suas diferenciações começando pelas características que são próprias à arte popular.

O artista popular vai diferenciar-se do artesão a partir dos diferentes objetivos de cada ator. O artista tem como fundamento primeiro em sua produção, um compromisso com a sua expressão e em seguida o acesso ao mercado. Já o artesão tem o compromisso primeiro em seu trabalho com o atendimento ao mercado consumidor.

O artista necessita dominar a matéria-prima, como assim também o faz o artesão, porém está livre da produção repetitiva frente a um modelo pré-definido, voltada para o mercado. Com isso, sua produção é fruto da criação individual, com a confecção de peças únicas, que podem tornar-se modelos, passíveis de serem reproduzidos em peças semelhantes por outros artesãos (Figuras 47 e 48).

Sintetizando suas características gerais, poderemos estabelecer que a arte popular caracteriza-se por:

- Ter como finalidade o reconhecimento do público, e não prioritariamente, focada no mercado.
- Produzir peças únicas.
- Expressar um processo intuitivo do artista.

3.1.3.

Artesanato Doméstico ou Trabalho Manual

O trabalho manual difere das demais categorias do artesanato porque, em sua grande maioria, é uma ocupação secundária, descomprometida em relação a prazos, volume de produção, ajustes à demanda do mercado, e a outros requisitos que uma produção artesanal estabelecida precisa respeitar.

Os produtos são, geralmente, resultantes da utilização de tempo ocioso, relacionado ao tempo disponível entre tarefas domésticas, compromissos profissionais ou como passatempo.



Figura 47 – Zéinho de Tracunhaém preparando um santo (Amorim, 2005).



Figura 48 – São Francisco em tamanho natural, característico do trabalho de Zéinho (Amorim, 2005).

O artesanato doméstico também exige destreza e habilidade, e de modo geral segue moldes e padrões pré-definidos, difundidos por matrizes comercializadas e publicações dedicadas exclusivamente a trabalhos manuais. O trabalho manual diferencia-se também do artesanato, por apresentar uma produção assistemática e não prescindir de um processo criativo efetivo (Figura 49).

Como citamos, o trabalho manual produzido através de reproduções ou cópias, caracteriza-se como uma ocupação secundária e eventual, que utiliza materiais e técnicas de domínio público. Por constituírem-se como produtos baseados em cópias, são objetos sem representabilidade ou valor cultural que identifique sua região de origem ou o artesão que produziu.

Pode-se ainda complementar que o artesanato doméstico é uma atividade que normalmente utiliza matérias-primas semi industrializadas ou industrializadas e, materiais e técnicas de domínio público.

E finalmente, por serem produtos que não apresentam originalidade nas técnicas, assim como nas matérias-primas, é trabalho comum e pouco valorizado pelo mercado consumidor.

3.1.4. Artesanato Tradicional

O artesanato popular tradicional é o artefato expressivo da cultura de um determinado grupo, ou artesão, representativo de suas tradições e incorporado ao seu cotidiano (Figura 50).

Sua produção é geralmente de origem familiar ou de grupos próximos, que podem ser parentes ou vizinhos, fato este que favorece a transferência de conhecimentos sobre técnicas e processos artesanais entre artesãos.

Sua importância decorre do fato de ser depositário de um passado, de resgatar e transmitir acontecimentos passados de geração em geração. Sua relevância também



Figura 49 – Bordados com motivos pré-definidos (Sebrae, 2003).

se dá por ser parte integrante dos usos e costumes de um determinado grupo e região.



Figura 50 – Retirantes de Manuel Eudócio, único artista vivo da geração de Vitalino. O uso das cores primárias é característico do seu trabalho. Caruaru - PE (Amorim, 2005).

Apesar de ser uma produção de pequenos grupos ou familiares, esse aspecto não restringe o artesanato tradicional somente a esfera do grupo ou família, pois essa atividade implica na necessidade de outros agentes, para a obtenção da matéria-prima para sua confecção, como para a comercialização e divulgação de seus produtos. Ou seja, outros atores também participarão nas diversas fases da cadeia produtiva do artesanato tradicional. E essa participação pode se dar desde a seleção da matéria-prima até a colocação do produto no mercado.

3.1.5. Artesanato Indígena

O artesanato indígena se caracteriza como resultado de uma produção coletiva, incorporada ao cotidiano da vida da comunidade, e que dispensa a figura do autor da peça (Figura 51).

Em certos casos o artesanato indígena segue uma divisão de trabalho, onde as peças são feitas por duas ou



Figura 51 – Índios da tribo Baniwa com sua produção artesanal (Estrada, 2003).

mais pessoas, com clara separação das atribuições em função da habilidade individual de cada membro.

Esse tipo de produção em conjunto, fornece ao artesanato indígena uma característica bastante própria, pois com a eliminação da pessoa do autor, a questão da autoria na produção não é colocada, o que enfatiza o caráter coletivo desta categoria.

Os artefatos artesanais das comunidades indígenas apresentam finalidades de usos muito específicas, principalmente como objetos utilitários (instrumentos de caça e pesca), ou como objetos ritualísticos (cocares, adornos e vestimentas).

Atualmente assistimos o crescimento da transferência, através da comercialização, do artesanato indígena, para outros grupos sociais e culturais. Essa movimentação se justifica como curiosidade étnica ou, pela valorização de produtos étnicos pelas camadas de maior poder aquisitivo. Mas também, pode configurar a procura de outra finalidade para o artefato indígena, que pode ser utilitária ou apenas decorativa, por essas camadas sociais. E também, por parte dos indígenas, o crescimento da comercialização de seus produtos, se dará como forma de obter ganhos econômicos através da sua produção (Figura 52).

3.1.6. Artesanato Conceitual

Caracterizamos o artesanato conceitual como objetos produzidos em ateliês e oficinas por indivíduos com alguma formação artística, de nível educacional e cultural mais elevado e geralmente ligado a centros urbanos. Esta produção surge, principalmente, a partir da década de sessenta, como forma de substituição a produtos industrializados (Figura 53).

O artesanato conceitual é resultante de um projeto empreendido de constituição e afirmação de um estilo de vida ou afinidade cultural. Configuram-se nesta definição



Figura 52 – Cesto Baniwa (urutu) sendo etiquetado. Produção vendida para a loja Tok Stok (Estrada, 2003).



Figura 53 – Casal de artesãos Elisabeth e Gilberto, radicados em Nova Friburgo – RJ (Dantas, 2002).

produtos que utilizam conhecimentos técnicos tradicionais, mas que não resultam de atividades tradicionais, não se limitam a formas já conhecidas, e com isso possibilitam a inovação, que é o elemento em destaque nesse tipo de artesanato.

O artesanato conceitual é produzido em pequenas séries, e não está vinculado a referências culturais regionais.

Sua produção, mesmo que em pequenas séries, preserva o sentido de produto exclusivo, e se destina a um público de maior nível cultural e maior poder aquisitivo.

Esse tipo de artesanato é, em princípio, comercializado na própria oficina de produção, ou em lojas e feiras especializadas em produtos similares (Figura 54).



Figura 54 – Produção em cerâmica do casal de artesãos Elisabeth e Gilberto (Dantas, 2002).

3.1.7. Artesanato Aplicado

Consideramos artesanato aplicado toda produção artesanal consorciada a outro produto, conforme a própria nomenclatura determina. Na realidade, esse artesanato, quando sobreposto a outra peça artesanal, estará associado à categoria da peça que lhe sirva de suporte.

O artesanato aplicado define-se por ser um elemento que aplicado a outro produto, acrescentou a este um valor diferencial e exclusivo. Com isso, esse artesanato determina uma distinção ao produto que lhe serve de base, tornando-o mais valorizado frente ao mercado.

Para melhor ilustrar a particularidade do artesanato aplicado, citaremos três exemplos.

O primeiro, o setor têxtil, onde o elemento artesanal aplicado transforma-se em elemento diferencial na forma, por exemplo, de bordados aplicados às roupas ou outros acessórios da indústria da moda tais como flores e couros.

Como segundo exemplo, podemos citar a indústria moveleira, onde o artesanato aplicado pode funcionar, em um tampo de mesa diferenciado, ou em um bordado no



Figura 55 – Móvel com pintura do artista Paulo, de São João Del Rey – MG (Dantas, 2002).

estofamento de uma poltrona, ou ainda como uma pintura ornamental sobre um móvel (Figura 55).

E por último, a indústria automobilística, onde o artesanato aplicado está presente nos painéis e volantes em madeira de carros de luxo, dando-lhes um diferencial e, com isso, agregando valor econômico.

3.1.8. Artesanato de Referência Cultural

O artesanato de referência cultural é aquele resultante de uma mediação planejada de artesãos e designers no artesanato tradicional. Tem como o objetivo qualificar e diversificar os produtos artesanais, através da melhoria dos processos de fabricação e a adequação desses produtos ao mercado, porém, respeitando e preservando seus traços culturais.

Os produtos artesanais de referência cultural são, em sua maioria, produtos de qualidade e representatividade formais, que reportam às referências culturais. Organizados em coleções ou famílias, como jogos de escritórios ou conjuntos para refeições, possuem etiquetas de contextualização explicativas de sua origem e modos de produção. São produtos direcionados ao mercado consumidor, atendendo demandas identificadas anteriormente, através de estudos junto ao mercado.

Esses produtos utilizam e transportam a iconografia típica da região (símbolos e imagens) onde são produzidos, e as técnicas de elaboração tradicionais dos artesãos, que somadas a inovações tecnológicas, dinamizam a produção, sem, contudo, descaracterizá-la como referência cultural local (Figuras 56 e 57).

Os produtos de referência cultural são portadores da história dos artesãos e, constituem-se como modelos de mediações entre designers e artesãos, formulados a partir de uma produção local, identificada com a cultura e com as origens de seus produtores.



Figura 56 – Artesã da Associação Santa Maria – DF. Projeto com coordenação do designer Renato Imbroisi. (Sebrae-DF, 2004).

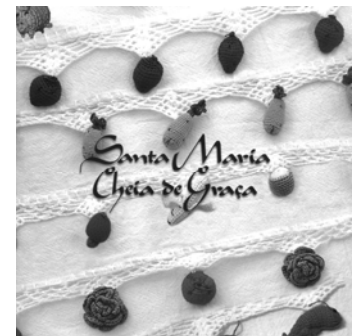


Figura 57 – Capa do catálogo da Associação Artesanal de Santa Maria. Sebrae-DF, 2004).

Utilizaremos a seguir a representação planificada da matriz conceitual estabelecida para o Programa Sebrae de Artesanato, que ilustra o cruzamento das categorias artesanais, suas origens, seus usos e suas tipologias (Figura 58).

CATEGORIAS		ATENDIDOS INTEGRALMENTE					
		ARTE POPULAR	ARTESANATO				TRABALHOS MANUAIS (Artesanato doméstico)
			INDÍGENA	TRADICIONAL	REFERÊNCIA CULTURAL	CONCEITUAL	
ORIGEM	QUEM FAZ?	Artista popular	Índio	Artesão	Artesão	Artesão	Artesão
	DE ONDE VEIO?	Da criação individual atemporal	Das tradições da nação indígena	Técnicas transmitidas de geração a geração, geralmente dentro de uma mesma família	Releitura de elementos da cultura tradicional, desenvolvendo novos produtos	De origem urbana, onde a inovação é o elemento principal	Cópia de técnicas e produtos de domínio público
	COMO É FEITO?	Peça única, feita por uma pessoa, predominando processos manuais	Produção coletiva de séries de objetos	Produção em pequena escala de séries de objetos, individual ou coletivamente	Produção de coleções temáticas em núcleos de produção	Produção de objetos conceituais com enfoque cultural e/ou ecológico, com predominância do trabalho individual	Produção a partir de moldes e padrões pré-definidos, atividade secundária com o propósito de complementar a renda
USO	PARA QUAL USO?	Decorativo Educativo Lúdico Religioso	Adornos e acessórios Decorativo Educativo Lúdico Religioso Utilitário	Adornos e acessórios Decorativo Educativo Lúdico Religioso Utilitário	Adornos e acessórios Decorativo Educativo Lúdico Religioso Utilitário	Adornos e acessórios Decorativo Educativo Lúdico Religioso Utilitário	Adornos e acessórios Decorativo Educativo Lúdico Religioso Utilitário
	DESTINO	PARA QUEM? ONDE?					
TIPOLOGIA	MATERIA-PRIMA NATURAL	MINERAL	Argila Areia Pedra	Argila Pedra	Argila Areia Pedra	Argila Areia Pedra	Argila Areia Pedra
		VEGETAL	Fibras Madeira Sementes, cascas Látex Resina	Fibras Madeira Sementes, cascas Látex Pigmentos/corantes Resina Fios	Fibras Madeira Sementes, cascas Látex Resina	Fibras Madeira Sementes, cascas Látex Resina	Fibras Madeira Sementes, cascas Látex Resina
		ANIMAL	Couro Chifre e osso	Ossos, chifres, penas e plumas Couro Conchas, corais	Ossos, chifres, penas e plumas Conchas, corais	Ossos, chifres, penas e plumas Conchas, corais	Ossos, chifres, penas e plumas Conchas, corais
	MATERIA-PRIMA PROCESSADA	MINERAL	Metais Vidro	Corantes	Metais Vidro	Metais Vidro Resina e gesso	Metais Vidro Resina e gesso
		VEGETAL	Fios Tecidos	Fios Látex Resina	Fios Tecidos	Fios Tecidos Borracha	Fios Tecidos Borracha
		ANIMAL	Couro, chifre e osso		Couro	Couro	Couro (animal e sintético)
		MINERAL + VEGETAL + ANIMAL	Massas	Fios sintéticos Miçangas	Miçangas Tecidos e fios sintéticos	Massas Miçangas Tecidos e fios sintéticos Ceras e parafinas	Massas Couro sintético Miçangas Tecidos e fios sintéticos Ceras e parafinas
	MATERIAS RECICLÁVEIS/ REAPROVEITÁVEIS	MINERAL	Metais Vidro		Metais Vidro	Metais Vidro Plástico	Metais Vidro Plástico
		VEGETAL	Papel Têxteis Madeira		Têxteis Madeira	Papel Têxteis Madeira	Papel Têxteis Madeira
		ANIMAL				Couro	

Figura 58 - Matriz conceitual do Programa Sebrae de Artesanato (SEBRAE, 2003).

3.2. As Fronteiras entre Artesanato e Arte Popular

Como já citado, as definições das categorias artesanais revelam fronteiras maleáveis que nos permitem fugir às definições preestabelecidas.

A categorização de um produto, a partir do seu local de origem ou, do artesão que o confeccionou, em artesanato ou arte popular é, certamente, a fronteira mais maleável, dentro das diversas definições das categorias artesanais.

À primeira vista, no caso do artesanato/arte popular, definir essa fronteira, no momento em que o artesão passa a se denominar, ou a ser denominado artista popular pelos formadores de opinião social.

Este artesão procura aferir ganho financeiro maior em seus produtos, passando a produzir peças únicas, característica esta, presente na elaboração da arte popular.

Com isso, o artesão passa a exibir um estilo próprio, cria uma identidade para seus produtos e, passa a assinar suas peças. Por produzir peças únicas, direciona sua produção para as camadas mais abastadas da sociedade. Essa produção vem a ser intermediada por galeristas e lojistas de estabelecimentos comerciais mais sofisticados e, por isso mesmo, direcionada a um público elitizado.

A respeito dos limites tênues entre o artesanato e a arte popular citaremos a seguir, a história que descreveu o professor e doutor em Artes Plásticas pela Universidade de Paris, José Alberto Nemer, sobre a trajetória da artesã/artista-plástica Maria Lira.

A artesã vive no Vale do Jequitinhonha e produzia peças de grande beleza plástica em barro, como a grande maioria dos artesãos da região, porém, com um estilo próprio destacando-se do habitual do imaginário coletivo local. A partir de um problema de alergia nas mãos, conforme diagnóstico médico, ela deixa de trabalhar com o barro. Diante da iminente perda de seu ganha-pão a artesã inicia um trabalho em pintura e procura em seguida, a pesquisadora Lélia Frota. Esta, por sua vez a coloca em contato com o professor José Nemer. Este por sua vez, sentindo que ali estava uma artista pronta, procurou um amigo marchand para a divulgação do trabalho. O marchand comprou as obras e o resultado foi um sucesso de vendas.

Depois dessa arrancada, a artesã, agora artista, como se fosse simples separar os dois termos vem ganhando a vida. Continua vivendo isolada, manteve a qualidade do trabalho, não deixando que as conquistas afetasse negativamente sua criação. Conteí essa história para ilustrar o embate ao qual estamos sujeitos, as forças do destino agindo, o renascimento de um artista, o alto grau de complexidade que envolve encontros deste tipo, tanto no nível humano quanto no do fazer. Esse caso entra aqui como uma dessas narrativas que se fazem para mostrar problemas e metodologias de solução. É um caso no sentido de vermos como são tênues as fronteiras entre arte e artesanato. O mais comum é um artista não poder se dedicar inteiramente à sua criação e render-se à repetição artesanal de um produto, para ganhar sua vida (www.acasa.org.br).

Sobre a passagem gradativa dos artistas populares, encontrados em seus locais de origem a artistas de galerias e museus migrados para centros urbanos, Lélia Frota, demonstra a trajetória percorrida por esses artistas populares, que assim como todos os outros artistas, também sofreram mudanças culturais para estabelecerem-se na sociedade.

Os próprios artistas populares não foram absolutamente agentes passivos de seu processo de gradual reconhecimento. Pois também por seu lado experimentavam mudanças em relação ao seu meio cultural, fazendo uma síntese formal própria, como qualquer outro artista, das transformações que iam acontecer diante de seus olhos e que também os motivavam. A mudança de público e de linguagem formal vai revelar-se no trabalho de artistas que, migrantes em sua quase totalidade dos seus locais de nascimento na ambiência rural para centros urbanos, apresentarão uma representação simbólica cada vez mais individualizada. Esses novos trabalhos apresentam a construção de um estilo comparável aos dos artistas de norma culta, e destinam-se agora à clientela de maior poder aquisitivo das galerias de arte e museus. Liminar entre a cultura em que se formaram e a que consome sua arte, a leitura de suas criações, exatamente por se encontrarem “entre”, no limiar, é acessível tanto às classes populares quanto às demais. Longe de constituírem fenômenos isolados, taxados de “primitivos” e de “ingênuos”, esses artistas exprimem a sua experiência de vida com a mesma acuidade dos criadores das camadas médias e altas (Frota, 2005, p.31).

Podemos concluir que a diferenciação básica da arte popular em relação ao artesanato é a de que o artista popular tem um compromisso primeiro com a sua expressão. Porém, é importante colocar que o artista

popular, assim como qualquer outro artista, vai procurar, à sua maneira, responder às demandas do mercado consumidor.

Por outro lado, os artesãos que à primeira vista, buscam o compromisso com o mercado, farão também uma trajetória de aproximação à arte popular na intenção de aferirem maiores lucros com a sua produção, ultrapassando assim os limites determinados na atividade artesanal.

A respeito de artesãos que traçam uma nova trajetória para suas produções a antropóloga Ângela Mascelani, esclarece em seu texto a seguir.

Em Minas Gerais, em virtude da forte tradição de entalhe em madeira, estimulada pela Igreja desde a época colonial, encontram-se muitos artesãos que criaram santos e anjos, com tal riqueza imaginativa que passaram a ser vistos como artistas”. Muitos deles foram e são excelentes técnicos que deixaram de trabalhar no artesanato utilitário e deram asas à imaginação. Apesar de muitos artistas populares ainda manterem formas de produzir que recordam as corporações de ofício, com um mestre ensinando aos discípulos e a tradição passando de geração a geração, é importante relembrar que eles fazem parte da sociedade contemporânea, e que seus trabalhos são consumidos preferencialmente por pessoas de fora de suas comunidades de origem. Ou seja, não estão isolados, e têm uma noção do valor do trabalho de arte em meios cultos. Isso quer dizer que, pressionados pelo mercado, pela mídia ou pelas demandas externas, estão constantemente reelaborando suas idéias sobre o trabalho que fazem. Além disso, não é demais insistir em que a classificação de uma obra popular como arte ou artesanato nem sempre é uma preocupação dos seus autores. “Na verdade, como essa questão interessa a grupos diversificados, as idéias sobre arte e artesanato estão permanentemente sendo revistas, confrontadas e negociadas”. (Mascelani, 2002, p.19).

Em seguida a antropóloga apresenta a noção de “mundos da arte” criada pelo pesquisador norte-americano Howard Becker, na qual identifica uma rede de pessoas que cooperam informalmente em torno de algo em que acreditam e chamam de arte. E explica que, no caso da arte popular brasileira, essa perspectiva permite perceber certa construção coletiva que incorpora valores de genialidade e individualidade à produção de artistas das camadas mais simples.

Segundo a perspectiva da Becker, esses mesmos valores orientam a forma como os saberes arcaicos, pretensiosamente ditos, como melhor conservados são reatualizados. Verificamos, assim, formas de cooperação e atuação entre grupos sócio-econômicos e culturais distintos, conforme a argumentação da antropóloga a seguir.

Aceitar que a definição de arte não se apóia na existência de fronteiras fixas e, pelo contrário, varia de um caso a outro, seria aparentemente mais simples para aqueles que estão inseridos diretamente no que acreditam ser um processo artístico do que para os demais. Entretanto, como diz Becker, são justamente esses últimos que se importam em decidir se uma certa produção é realmente arte ou se é artesanato, ou trabalho comercial, ou, talvez, expressão folclórica, ou, apenas, os sintomas de um lunático. No caso da arte popular brasileira, inicialmente são intelectuais e artistas dos grandes centros urbanos que reconhecem valores artísticos nas pequenas esculturas em barro que exibem o cotidiano rural, eventualmente comercializadas nas feiras do interior do Brasil como um produto secundário em relação ao artesanato utilitário. Num segundo momento, seus autores se apropriam da noção de arte, reestruturam suas identidades, valorizando a expressão individual e, gradualmente, alteram a quantidade de tempo dedicado à agricultura, à criação de animais e ao artesanato utilitário, passando a dar prioridade ao artesanato artístico e à “arte do barro”. É possível perceber, entre esses dois momentos, a participação de diferentes agentes, artistas populares, intelectuais, comerciantes, consumidores, o que confirma a importância da trama social na definição de arte popular (Mascelani, 2002, p.23).

Em seguida poderemos perceber, descritos pela antropóloga, os valores assumidos por artesãos, intelectuais e consumidores, cada classe com seus interesses próprios, identificando formas de mudanças que possibilitem alcançarem seus objetivos específicos.

Os artesãos vislumbram valores mais justos para suas produções. Os intelectuais buscam formas genuínas de arte. E por sua vez, os consumidores procuram suprir as suas necessidades através do novo.

Já os artesãos ao assumirem os valores individualistas, identificam na categoria de artista várias possibilidades de mudança, entre elas, a de experimentar novas idéias e obter uma remuneração mais justa para seu trabalho. Os intelectuais, por sua vez, dispostos a encontrar formas autênticas de arte e, fascinados pela profusão de novas formas e soluções plásticas, mas, sobretudo, pelas novas

personalidades que desafiam o senso comum e tornam mais complexo o que até então se pensava sobre “povo”, “arte” e “artistas”. Transitando na fronteira desses interesses, temos um mercado consumidor sequioso por novidades, e uma clientela oriunda predominantemente das camadas médias intelectualizadas urbanas, interessada na afirmação dos valores nacionais e reconhecendo nesse tipo de produção uma possibilidade de fugir à massificação. Devem ser citados, ainda, os comerciantes, marchand e assemelhados, que vislumbavam na emersão de um novo campo de arte, a ampliação das oportunidades de negócios e de lucros. Nessa ação, algumas produções deslocam-se do vasto campo do artesanato e da criação coletiva para o mundo seletivo e individualista da arte (Mascelani, 2002, p.25).

Portanto, podemos estabelecer que é necessária uma grande rede de comunicação e divulgação para a legitimação e reconhecimento de uma produção artística popular.

No entanto, é preciso que se crie um número razoável e determinado de pessoas que, com seus interesses próprios, tomem parte ativamente do processo da legitimação do artista popular. Assim, poderiam ser desmistificadas definições cristalizadas em referência a arte popular e ao artesanato, de que seus atores vivem à margem da sociedade contemporânea.

É necessário registrar que o ingresso da arte popular no mundo intelectualizado encerra uma duplicidade de valores. Pois, as artes populares que são produzidas no universo popular, serão consumidas tanto em suas comunidades como por outras camadas sociais, urbanas e intelectualizadas.

Sendo assim, o reconhecimento da arte popular congrega tanto as referências e simbologias do universo popular quanto à do universo intelectual. Essa comunicação de valores de classes sociais distintas determina a maleabilidade das fronteiras entre o artesanato e a arte popular.

3.3. As Tipologias do Artesanato

A tipologia artesanal é a classificação do artesanato em função das matérias-primas utilizadas na confecção dos produtos artesanais.

As matérias-primas do artesanato podem ser de origem mineral, vegetal, de animal. Podem também, ser a soma de uma ou mais matérias-primas em um mesmo produto, criando novas classes de objetos, que conformam duas ou mais matérias-primas na sua confecção, como por exemplo, um mobiliário de madeira com componentes em couro.

As matérias-primas podem ser utilizadas em seu estado natural, processadas artesanalmente ou ainda industrialmente e, também, ser decorrentes de processos de reciclagens ou reaproveitamento. Para cada matéria-prima principal derivam atividades profissionais distintas, que determinam as tipologias de produtos, com suas respectivas ferramentas e destinações.

As principais matérias-primas utilizadas no artesanato brasileiro são:

- Argila ou barro;
- Pedra (pedra sabão, granito, mármore);
- Fibras vegetais (taboa, babaçu, caroá, carnaúba, buriti, piaçava, sisal, juta, junco, bambu, vime, bananeira, rami, capim-dourado, tucumã, arumã, taquara, ouricuri, coco);
- Palhas (do milho, do trigo, do arroz) e cipós (imbé, ingá, titica, do fogo, timbó);
- Madeiras (cedro, jacarandá, pequi, reaproveitadas, reflorestadas, refugos);
- Sementes e cascas (patauá, açaí, pau-brasil, tucumã, olho-de-boi, olho-de-cabra, guapuruvu, paxiubão);
- Fios (algodão, linho, seda, juta);
- Couro (animal ou sintético);

- Metais (ferro, cobre, bronze, alumínio, prata, ouro, latão);
- Papel (artesanal, reciclado, industrial);
- Outros (vidro, osso, chifre, borracha, conchas, areia, plástico, cera, massa, etc.).

A (Figura 59) representa uma planificação das origens das matérias-primas, apresentada no Programa Sebrae de Artesanato, e ilustra graficamente as matérias-primas, o estado em que são trabalhadas, suas origens e os ofícios artesanais e produtos.

MATÉRIA-PRIMA	MINERAL		VEGETAL		ANIMAL		MINERAL + VEGETAL + ANIMAL		
NATURAL	ARGILA	CERÂMICA	FIBRAS	TAPEÇARIA	COURO	SAPATARIA/ CALÇADOS			
		PORCELANA		CESTARIA		SELARIA			
		MOSAICOS		MOVELARIA		MALAS			
	PEDRA	SANTERIA	MADEIRA	MARCHETARIA	CHIFRE E OSSO	PRÁTICAS DIVERSAS			
		JOALHERIA		LUTHERIA		CONCHAS E CORAIS			ENTALHES E ESCULTURAS
		MOVELARIA		CARPINTARIA NAVAL					LÃ
	CANTARIA	MARCENARIA		PENAS E PLUMAS	PRÁTICAS DIVERSAS				
		SANTERIA/ ESCULTURA							
		CASCAS E SEMENTES	PRÁTICAS DIVERSAS						
	PROCESSADA	METAIS	FERRARIA/ FERRAMENTAS	FIO	TECELAGEM	COURO			CALÇADOS
UTENSÍLIOS			RENDAS		SELARIA		COURO SINTÉTICO	CALÇADOS	
JOALHERIA			BORDADOS		MALAS			CONFEÇÃO DE BOLSAS E ACESSÓRIOS	
SERRALHERIA			TECIDO	COSTURA BORDADOS	FIO DE SEDA	TECELAGEM BORDADO	MASSA	MODELAGEM	
VITRAIS		BORRACHA		PRÁTICAS DIVERSAS		LÃ	TECELAGEM	PARAFINA	MODELAGEM
MOSAICOS									
EMBALAGENS									
GESSO	MODELAGEM								
PARAFINA	MODELAGEM								
RECICLÁVEL/ REAPROVEITÁVEL	METAIS	FERRAMENTAS	MADEIRA	MARCHETARIA	COURO	PRÁTICAS DIVERSAS	COURO SINTÉTICO	CALÇADOS COSTURA/ CONFEÇÃO DE BOLSAS E ACESSÓRIOS	
		UTENSÍLIOS		MARCENARIA		LÃ			TECELAGEM
		JOALHERIA		ESCULTURAS					TAPEÇARIA
	SERRALHERIA	PAPEL	PRÁTICAS DIVERSAS	BORDADOS					
	VITRAIS		TECIDO		COSTURA BORDADOS				
	MOSAICOS			FUXICO					
	EMBALAGENS								
PLÁSTICO	PRÁTICAS DIVERSAS								

Figura 59 - Quadro Matérias-primas e Ofícios Artesanais. (SEBRAE, 2003).

3.4. Organização do Trabalho Artesanal

Para melhor entendimento dos diversos atores e de suas distintas funções dentro da organização do trabalho artesanal, descreveremos a seguir, as configurações desses atores no segmento artesanal.

As escolhas apresentadas derivam da necessidade de se estabelecer distinções básicas entre os atores, agentes e suas funções, dentro do segmento artesanal, a fim de estabelecer uma base conceitual norteadora ao estudo.

3.4.1. Mestre artesão

São indivíduos dotados de excepcional saber, que se notabilizaram através de seus ofícios, formando discípulos e conquistando admiração e respeito, não somente de seus aprendizes, auxiliares e clientes, mas também de técnicos e estudiosos do artesanato. Sua maior contribuição é repassar, para as novas gerações, os seus saberes, as suas técnicas e as experiências adquiridas durante anos no exercício do seu ofício.

3.4.2. Artista Popular

Como já afirmava o escritor e formulador do anteprojeto para a criação do Serviço do Patrimônio Artístico Nacional, Mario de Andrade em 1936, a princípio, “todo artista para ser bom, deve ser antes de tudo um artesão” (IPHAN, 2002).

Portanto, artistas populares são indivíduos que dominam a técnica e processos de manuseio da matéria-prima utilizada. Apresentam em seus trabalhos uma coerência temática própria. Estabelecem através de seus ofícios um compromisso consigo mesmo e de buscar a inovação, estabelecendo um estilo próprio. Apresentam uma identificação e um comprometimento com o tempo presente,

manifestando, através de suas criações, suas visões atuais e particulares de mundo.

3.4.3. Artesão

São indivíduos que praticam o ofício artesanal, não industrial e não seriado, e que, detentores do saber técnico artesanal sobre as matérias-primas e as ferramentas para o desenvolvimento de produtos e, dominam o conhecimento de todo o processo de produção artesanal.

3.4.4. Aprendiz

São indivíduos auxiliares das oficinas de produção artesanal, encarregados de preparar partes do trabalho e, que se encontram em processo de capacitação profissional, objetivando o aprendizado do ofício de artesão.

3.4.5. Núcleo de Produção Familiar

Constitui-se de membros de uma mesma família que representam a força de trabalho, sendo que em alguns com dedicação integral e outros com dedicação parcial ou esporádica. A responsabilidade e ordenamento do trabalho são exercidos por um dos pais, dependendo do tipo de artesanato que se produza e, que assim, organizam os trabalhos dos filhos e outros parentes. Geralmente, nesse grupo inexistem sistemas de pagamentos pré-fixados, sendo os membros da família remunerados de acordo com suas necessidades particulares e as disponibilidades de renda auferida pela família.

3.4.6. Grupos de Produção Artesanal

São conjuntos de artesãos atuando em segmentos comuns, ou mesmo, em segmentos diversos, que promovem acordos informais para o atendimento de objetivos comuns, tais como: aquisição de matérias-primas, estratégias promocionais e comerciais conjuntas, produções e transportes coletivos.

3.4.7. Associação

A Associação é uma instituição de direito privado sem fins lucrativos, formada por artesãos, com o objetivo de defender e zelar pelos interesses de seus associados. É regida por estatutos sociais com uma diretoria eleita em assembléia, através da participação de todos os seus membros, para períodos determinados de administração.

3.4.8. Cooperativa

A Cooperativa é uma associação de artesãos com nunca menos de vinte membros, que se unem para alcançar benefícios comuns, organizar e normalizar atividades de interesse dos cooperados (figura 60).



Figura 60 – Cooperativa Nós da Trama de Tecelagem Artesanal de Araruama – RJ (Sebrae-SP, 2003).

O objetivo primordial de uma cooperativa artesanal é a busca de uma maior eficiência na produção, com ganho de qualidade e de competitividade, em virtude do aumento de escala de produção. Objetiva a otimização e redução de custos na aquisição de matéria-prima, no beneficiamento, no transporte, na distribuição e na comercialização dos produtos.

3.4.9. Empresa Artesanal ou Industrianato

A Empresa Artesanal, também chamada de Industrianato, é formada por núcleos de produção artesanais que evoluíram para a forma de micro ou pequenas empresas, com personalidade jurídica, regida por um contrato social. Como qualquer empresa privada, busca vantagens comerciais para a sua permanência e desenvolvimento no mercado. Emprega artesãos e aprendizes, encarregados da produção, e remunerados, geralmente, com salário fixo ou com uma comissão sobre as unidades comercializadas.

Vimos, neste capítulo, as diversas categorias artesanais, e a partir delas, analisamos a fronteira entre a arte popular e o artesanato.

Destacamos o artesanato de referência cultural, pois são os produtos artesanais que traduzem as referências culturais de seus produtores e, por isso mesmo, a categoria mais trabalhada pelas instituições de fomento ao artesanato. E também porque, essa categoria artesanal é fruto da mediação planejada de artesãos e designers, que tem como objetivo a inserção do produto artesanal no mercado consumidor.

Apresentamos em seguida a Matriz Conceitual do Programa Sebrae de Artesanato, que localiza graficamente as categorias, origens e usos do produto artesanal.

Continuamos apresentando a classificação do artesanato em função das matérias-primas utilizadas na confecção dos produtos artesanais. Para tanto, utilizamos o Quadro Matérias-primas e Ofícios Artesanais, no qual foi apresentado as matérias-primas, os ofícios e os produtos artesanais.

Por fim, apresentamos a organização do trabalho artesanal através dos diversos atores e de suas funções.